

Gestão do Uso da Água na Vila Esperança: Um Caso para Ensino sobre Liderança Compartilhada¹

**Fabício Nascimento da Cruz, Denice Santiago Santos do Rosário,
Hilda Bárbara Maia Cezário e Márcia Vilenice de Macedo Dias**

Resumo

O presente caso para ensino tem como objetivo desenvolver uma reflexão crítica sobre o exercício da liderança compartilhada. Para tanto, utiliza uma narrativa fictícia, porém, baseada em fatos verídicos, os quais ilustram o seguinte contexto: os frequentes atendimentos de pessoas com verminoses e infecções gastrointestinais ativam o sinal de alerta do agente de saúde no pequeno posto da Comunidade Vila Esperança, localizada no semiárido cearense. A correlação entre o perfil dos atendidos e a fonte de consumo de água confirmou a origem do problema, o qual passou a ser considerado de saúde pública. Sua resolução dependeria de uma ampla mobilização para a assunção e compartilhamento de responsabilidades entre os diversos atores locais. Para tanto, foram necessários o exercício e a compreensão de novas formas de lideranças. Este caso pode ser utilizado como recurso didático nos cursos de graduação e pós-graduação em Administração e Gestão Social, mas também em cursos de extensão voltados à formação de lideranças comunitárias.

Palavras-chave

Liderança. Liderança Compartilhada. Gestão do Uso da Água. Participação.

Abstract

The present teaching case aims to develop a critical reflection on the exercise of shared leadership. To do so, it uses a fictional narrative, based on true facts, which illustrate the following context: the frequent attendance of people with verminoses and gastrointestinal infections activate a warning sign of the health agent in the small health center in Vila Esperança Community located in the semi-arid region of Ceará. The correlation between the profile of the users and the source of water consumption confirmed the origin of the problem, which became a public health one. Its resolution would depend on a broad mobilization for the assumption and sharing of responsibilities among the various local actors. To do so, it was necessary to exercise and understand new forms of leadership. This case can be used as a

didactic resource in graduate and postgraduate programs in Administration and Social Management as well as in extension courses aimed at training community leaders.

Keywords Leadership. Shared Leadership. Water Management. Participation.

CASO PARA ENSINO

Vila Esperança e o problema da água

A comunidade Vila Esperança, localizada no alto de uma serra, quase isolada, a três quilômetros de subida íngreme, no interior do Ceará, possui cerca de 112 famílias, com um total aproximado de 500 pessoas, as quais convivem com a dura realidade da escassez de água. O único reservatório existente é uma pequena cisterna de 22 mil litros, construída no terreno da escola local, e que capta águas das chuvas por meio de um sistema de calhas instaladas no telhado da escola e ligadas à mesma, a partir da demanda apresentada ao Centro de Cooperação Alemã, em 2004, pela Associação de Moradores da Vila Esperança (AMVE).

Como na maioria das pequenas cidades, distritos e povoados, a escola, a igreja ou a associação assumem papéis centrais na organização comunitária local. Portanto, a cisterna atende não só à escola, mas a toda a comunidade, principalmente nos períodos de longa estiagem e falta d'água.

As principais fontes de água dentro da comunidade são um minadouro ao pé de outra serra próxima, localizado a 2 km, e um cacimbão³, cuja água é salobra. A comunidade já foi alertada pelo agente de saúde que as duas fontes estão contaminadas, pois animais (na maioria, porcos e cachorros) transitam livremente no local.

Os moradores de Vila Esperança ainda carregam latas d'água na cabeça por 2 km e convivem com a escassez deste bem, para alimentação, produção ou higiene. As águas do cacimbão e da serra são examinadas periodicamente pelos agentes de saúde e o resultado é sempre o mesmo: baixa qualidade em decorrência de contaminação.

Foi nesse cenário que Eduardo Davelino, senhor de 50 anos, nascido e criado em Vila Esperança, ensino médio completo, agente de saúde formado por curso promovido pela prefeitura local, atuando há mais de sete anos nesta função na Vila, e que, carinhosamente, passou a ser reconhecido pelo seu sobrenome, observou com preocupação o crescente índice de crianças e idosos acometidos por verminose e infecções gastrointestinais na comunidade. Davelino já sabia que esta situação guardava relação direta com a baixa qualidade da água consumida pelos moradores de Vila Esperança, até mesmo a oriunda da cisterna implantada na Escola Municipal Santa Bárbara, já que vinha de um longo tempo sem a devida manutenção, chegando a apresentar uma incrível proliferação de rãs, além de outros

indicativos de contaminação.

MUDANÇA DE CENÁRIO: UMA QUESTÃO DE ATITUDE

Pensando em como resolver esta situação dentro da comunidade, Davelino resolveu conversar com Dona Hilda, uma senhora de 42 anos, mãe de quatro crianças entre cinco e doze anos, estudante do curso de Pedagogia, que atua desde os 19 anos na Associação, exercendo um papel de liderança. Dona Hilda, desde muito jovem, sempre empreendeu esforços para realizar ações visando o desenvolvimento e bem-estar da comunidade. Era o braço direito do Sr. Manuel, principal liderança comunitária que aquela comunidade já teve. Ele chegara a ser vereador, tamanho o prestígio, mesmo fora de Vila Esperança, mas nunca abandonara a comunidade, preservando ali a sua residência e militando por melhorias na qualidade de vida daquela população. Entretanto, com a sua morte há 10 anos, a Associação ficou sem uma frente. Na ocasião, foi realizada eleição, mas já havia um forte apelo para que Dona Hilda assumisse este lugar. Assim foi feito. De lá para cá, outras eleições foram feitas, mas nunca ninguém quis assumir o posto, pois todos julgavam que, apesar do afastamento temporário de Dona Hilda de assuntos comunitários por conta dos seus estudos e dos seus filhos, ela era a única pessoa disposta e articulada o suficiente para estar à frente da AMVE.

Dona Hilda, ao tomar conhecimento da situação crítica, compartilhou com Davelino algumas dificuldades das quais já tinha conhecimento em relação à manutenção da cisterna na escola. Embora ambos apresentassem uma postura extremamente discreta no trato da problemática em questão, a breve conversa que tiveram sobre o assunto desencadeou um falatório na comunidade, e o “disse me disse” confirmou o ditado popular que diz que as paredes têm ouvidos.

Na conversa com Davelino, Dona Hilda fez questão de ressaltar o papel da AMVE na implantação da cisterna na escola local. Relatou que, na ocasião, acordos foram firmados, envolvendo vários membros da Associação, com intuito de compartilhar a responsabilidade pela manutenção da cisterna, integrando escola e comunidade na gestão daquilo que era um bem comum. Na conversa, a líder da associação ressaltou que alguns moradores até se comprometeram em revezar nas ações de manutenção da cisterna. Entretanto, pontuou que a diretora da unidade de ensino, Dona Denice, senhora de 62 anos, professora de formação, dona de um temperamento muito forte, em muitos momentos não deixou que eles fizessem o trabalho, alegando que ela precisaria acompanhar o trabalho de perto, mas não tinha tempo. Esse contexto fragilizou gradativamente os acordos iniciais e as pessoas foram perdendo a vontade de se envolver com a situação.

Dona Denice sempre foi conhecida na Vila Esperança pela sua personalidade forte, postura centralizadora e dificuldade de delegar. Contudo, estava à frente da escola há mais de 20 anos, com profundo apreço e dedicação pelo trabalho que desenvolvia. É certo que os moradores não tinham o que reclamar da qualidade do ensino, bem como do cuidado que Dona Denice tinha com os alunos, apesar da sua rigidez. Sendo uma escola municipal com tão difícil acesso em relação à sede do município, acabava por sofrer com o isolamento e o

descaso quanto às questões estruturais. Ninguém mais aceitava aquela difícil tarefa: todos os outros professores julgavam que era um trabalho árduo demais, sem o apoio necessário. Logo, Dona Denice fez da escola a sua vida, e dispôs até de recursos próprios para questões básicas, como material de limpeza e alimentos, os quais frequentemente faltavam. Todavia, não tinha como arcar com reformas e gastos estruturais altos. Assim, a comunidade passou a respeitá-la, mesmo percebendo que, no fundo, a escola passou a ser praticamente propriedade de Dona Denice, sendo comum ouvi-la dizer: “Na minha escola quem manda sou eu!”, ostentando orgulho diante das sucessivas tentativas dos moradores em realizar as ações de melhoria naquele território pelo qual sentia ser a dona.

Dialogar com Dona Denice não era tarefa fácil; ainda mais quando Dona Hilda estava envolvida no processo. Todos da comunidade sabiam que elas não se davam bem. Na verdade, tratava-se de uma disputa de poder, uma vez que as duas exerciam os papéis centrais de liderança nas duas organizações mais importantes daquela pequena comunidade - a Associação e a escola. Entretanto, figuravam lideranças distintas. Se, de um lado, Dona Denice assumia a escola com mãos de ferro, sob uma gestão predominantemente verticalizada e centralizadora, por outro, Dona Hilda trabalhava a partir dos esforços coletivos, apesar da dificuldade de encontrar pessoas para dividir responsabilidades na liderança da Associação e da escassez de tempo, uma vez que, agora, além dos filhos, estava também empenhada nos estudos.

O fato é que Davelino sentia que era necessário tomar uma providência com urgência, pois a situação poderia se agravar e, com isso, piorar os indicadores, conseqüentemente, ocasionando óbitos, compondo de maneira triste a estatística daquele lugar. Dessa forma, mesmo com todas as diferenças, era necessária a atenção de ambas. “Esse é um problema cuja resolução é uma responsabilidade de todos!” disse Davelino a Dona Hilda, já pensando no amplo processo de mobilização que teria que desencadear com os moradores.

Dona Hilda também compartilhava da percepção do Davelino, mas frisou: “Sozinhos não poderemos fazer muita coisa. Mobilizar os membros da Associação talvez seja a solução, mas faz tanto tempo que não realizamos algo juntos que talvez seja muito difícil encontrar pessoas dispostas a ajudar”.

Nesse momento, Davelino sugeriu realizar uma assembleia de moradores na escola, tendo em vista que este espaço teria condições de acomodar bastante gente. O primeiro passo, porém, seria convencer Dona Denice a fazer parte dessa mobilização.

EM BUSCA DE PARCEIROS, NÃO DE CULPADOS

Dona Hilda, a princípio, disse não acreditar que o pessoal compareceria à assembleia, pois, em sua opinião, estavam todos muito acomodados. Além disso, achava que Denice não iria querer que realizassem a reunião na escola. Apesar do seu pessimismo, resolveu tentar, mas pediu a Davelino que fosse junto com ela para conversar com a diretora.

Chegando à escola, pediram para falar com Dona Denice. Ela prontamente os atendeu,

com bastante simpatia, comportamento que não era habitual àquela figura. Ouviu Eduardo atentamente acerca da situação de contaminação das águas consumidas na comunidade, o que incluía a reserva da cisterna da escola.

Davelino relatou à diretora que, numa das visitas para coletar amostras da água, verificou a seguinte problemática: rastros de animais por cima da cisterna, canos (que são ligados ao sistema de calhas instalado no telhado) rachados, a bomba quebrada (estimulando o uso de baldes sujos para pegarem água), e, além de tudo isso, a presença de rãs no interior da cisterna.

“Onde o senhor está querendo chegar, seu Davelino? Que a culpa disso tudo notificado no seu relatório de fiscalização é minha? Se for isso, você está totalmente enganado” disse Dona Denice, sentindo-se ofendida com a fala do agente de saúde.

Dona Denice bradou em alto e bom som que a escola era pobre, que não tinha recursos para tratar a água com hipoclorito, nem consertar os canos e a bomba. Culpou os comunitários que, no passado, por ocasião da implantação da cisterna na escola, comprometeram-se em fazer uma escala para manter este reservatório sempre bem cuidado, mas não cumpriram com o trato. “Denice, não coloque a culpa nos moradores. Nós só não cumprimos as tarefas na ‘sua escola’ porque nunca tivemos sua anuência, e não conseguimos conciliar a nossa disponibilidade com a sua agenda tão lotada” disse Dona Hilda, rompendo seu silêncio, com ar irônico.

De imediato, Dona Denice disse que trabalhava com crianças e adolescentes e não poderia deixar que moradores entrassem no espaço da escola sem condições de acompanhá-los, citando o caso do Sr. Fabrício que, certa ocasião, foi realizar o serviço de manutenção na cisterna depois de ter tomado sua costumeira cervejinha, sem respeitar os alunos e a ela própria na escola.

Davelino não prolongou a conversa e fez logo a sugestão de convocar uma assembleia de moradores para tratar dos problemas da água contaminada, afinal, era um problema de todos. A diretora inicialmente resistiu, dizendo que não iria dar em nada e que não contassem com ela para mobilização destas pessoas, considerando que este era um dever da liderança da Associação de Moradores. Todavia, diante dos apelos de Davelino, resolveu apoiar, cedendo o espaço da escola para a realização da tal assembleia.

MOBILIZAR PARA PREVENIR, NÃO PARA REMEDIAR

Davelino e Dona Hilda uniram-se na tarefa de mobilização. Saíram cada um para um lado, de casa em casa, falando “por alto” aos moradores sobre a causa da contaminação da água consumida na comunidade, que praticamente atingira a todos, e os convocando para a reunião na escola. Devido à gravidade do problema, a reunião, em caráter de urgência, seria realizada no dia seguinte.

A mobilização, entretanto, não foi tão fácil. Ouviram falas diversas:

“Vou não. Para ser escorraçado de novo por aquela mulher? Vou nada.” disse Seu Fabrício a Dona Hilda, revoltado com o que acontecera antes;

“Até que enfim! A gente quase morrendo e só agora a Associação resolve chamar uma reunião. Esse problema é antigo, Davelino! Hilda e Denice não se acertam e a comunidade é quem paga o pato!” Dona Márcia tecia a crítica para Davelino;

“Eu sabia que o problema era a água. Vi rã para todo lado lá na escola e tinha certeza que a cisterna era o foco. Claro que Dona Denice sozinha, coitada, não podia fazer nada. Teve no mínimo uns cinco aí que tinham assumido o compromisso. Só apareceu um e ainda bêbado.” disse Dona Dete, a merendeira da escola;

“Olha, Dona Hilda, eu assumi colaborar com a cerca ao redor da cisterna, mas ninguém ajudou a levar as estacas e eu sozinho não dava conta. Mesmo assim, eu vou lá na reunião.” afirmou o Sr. Pedro.

E assim, entre as desculpas mais diversas, tinham de seguir sustentando o argumento sobre a importância da presença de todos no encontro, para resolução de um problema que era importante para a saúde da comunidade de Vila Esperança. Davelino e Dona Hilda, tendo em vista as falas da comunidade, sabiam que a condução da assembleia não seria uma tarefa fácil, e tinham que tomar cuidado para que aquele momento não se transformasse num ambiente caótico, repleto de troca de acusações.

O DESAFIO DE CONSTRUIR UMA AGENDA COMPARTILHADA

Chegada a hora da assembleia, Dona Hilda, ciente das críticas diversas sobre ela e sobre os demais do grupo, resolveu iniciar, recordando a riqueza daquele bem para o grupo. Lembrou, então, com certa nostalgia, que, logo no início, quando receberam essa cisterna, sentiram-se agraciados “pelas bênçãos divinas” e se encheram de esperanças por dias melhores para a comunidade, a qual vive quase isolada no alto da serra. Nunca tiveram acesso à água dos carros-pipa da Prefeitura, pois os mesmos não conseguiam subir a ladeira de chão irregular e muito íngreme. Só contavam com as águas das chuvas, do cacimbão e do minadouro da serra vizinha.

Logo em seguida, Davelino colocou todos a par da real situação quanto à qualidade da água, relatando as condições precárias da cisterna na escola, bem como das demais práticas prejudiciais que acabaram por refletir num problema de saúde pública geral. Pronto! Foi o suficiente para despertar os ânimos. “Infelizmente chegamos nessa situação devido à postura de uma pessoa e todos aqui sabem de quem estou falando” disse Márcia, visivelmente incomodada com a situação e disposta a aquecer o debate.

Dona Denice resolveu ir à assembleia, pois sabia que seria inúmeras vezes citada, e, estando lá, sentiu os olhares de acusação como se a responsabilidade da cisterna fosse unicamente da escola, logo indagando: “Quero lembrar a todos que os acordos discutidos e assinados quando implantamos a cisterna não foram frutos da minha imaginação. A maioria de vocês

estava aqui no dia, e muitos participaram dessa construção” disse Denice, rebatendo aos olhares e acusando a comunidade como um todo em relação ao abandono da cisterna na escola.

As fortes palavras de Denice provocaram o caos na reunião. Ninguém mais se escutava, em meio a tantas falas cruzadas: todos se acusando mutuamente, como era esperado. Até que uma fala se destacou em meio à balbúrdia: “O melhor mesmo seria cada um com sua cisterna familiar... assim cada família administraria os seus problemas!” Quem a proferiu, não se sabe. O fato é que essa ideia foi se espalhando entre as 43 pessoas presentes, as quais passaram a encarar como solução que cada família, de modo individual, tivesse a sua cisterna. Ouvia-se isso de todos os lados.

Tentando controlar os ânimos, Dona Hilda ressaltou que poderia direcionar essa demanda aos órgãos públicos competentes, mas que certamente não teria um retorno imediato. Dona Denice, embora angustiada, surpreendeu a todos ao dizer que não seria a instalação das cisternas nas casas que resolveria o problema, já vigente na escola, e reiterou: “Pessoal, ainda que a implantação das novas cisternas fosse imediata, como vocês estão falando aí, não resolveria o problema em questão. Não esqueçam há quanto tempo toda a comunidade foi servida e, sobretudo, lembrem-se de que seus filhos continuam a estudar na escola”.

Com receio de que novas acusações fossem apontadas sem finalidade alguma, Davelino, que tinha conversado com boa parte da comunidade, tanto no atendimento do posto de saúde quanto na mobilização prévia para a reunião, resolveu destacar, de forma positiva, tudo que ouviu. Começou a relembrar também como os acordos foram feitos no início de tudo, levando em consideração como cada membro da comunidade poderia contribuir e somar forças para enfrentar o problema coletivo.

Assim, alguns mais e outros menos, convencidos foram firmando-se novos acordos. Dona Hilda, como presidente da Associação, iria requisitar do poder público a orientação para o estabelecimento de novas cisternas.

Seu Fabrício, Seu Pedro, Dona Flor e Dona Denice entraram em acordo sobre o dia, horário, material e meio de transporte para a limpeza. Além disso, seria feito um levantamento do que era necessário para finalmente cercar a cisterna. Davelino ficou de comunicar à Secretaria de Saúde do Município a situação, já que, a esta altura, alguma medida emergencial já dependia de um técnico especializado no tratamento da água disponível.

Todas as pendências foram evidenciadas. As pessoas ali reunidas em assembleia perceberam que, com boa vontade e participação de todos, seria possível melhorar as condições de higiene e qualidade da água consumida na comunidade. Viram também que alguns avanços foram possíveis a partir do diálogo, ressaltando a importância da união entre a escola e a Associação, para o bem de todos; porém, mais encontros seriam necessários para os ajustes dos novos acordos.

NOTAS DE ENSINO

Fonte de dados

Primária: Vivência de um dos autores.

Objetivo educacional

Desenvolver uma reflexão crítica sobre o exercício da liderança, fomentando a prática da Liderança Compartilhada.

Sugestão de uso didático

Recomenda-se o uso deste caso para ensino como um recurso didático nos cursos de graduação e pós-graduação em Administração e Gestão Social, mas também em cursos de extensão, voltados à formação de lideranças comunitárias. Buscando o exercício da liderança compartilhada a partir da reflexão despertada pelo caso, sugere-se: a reunião da turma em grupos de 4 a 6 pessoas, iniciada com um momento de escuta de relatos de experiência de cada membro do grupo, relacionados ao caso em estudo. Posteriormente, o grupo deve se debruçar sobre as seguintes questões para discussão. Ao final, cada grupo deverá socializar com a turma as reflexões finais.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

Tomando por base o referencial teórico disponibilizado sobre liderança compartilhada (CABRAL; SEMINOTTI, 2009), e sobre a “Arte de Escutar” (MOURA; GIANNELA, 2016), reflita sobre as diferentes situações emergentes no caso que ressaltam os problemas e as potencialidades para o estabelecimento de um processo de gestão da liderança compartilhada, a partir dos questionamentos a seguir:

- Quais padrões de liderança são possíveis identificar no caso?
- Quais as principais características da liderança exercida?
- Quais os problemas de gestão e os desafios para o estabelecimento de uma liderança compartilhada no contexto abordado?

Tendo compreendido a necessidade do desenvolvimento de competências coletivas para o estabelecimento de uma liderança compartilhada, reflita sobre as competências que podem ser evidenciadas no caso.

A partir do referencial teórico sobre a arte de escutar, avalie como a escuta foi utilizada no caso e sugira novos usos diante do problema colocado.

NOTAS

- 1 Submetido à RIGS em: mar. 2016. Aceito para publicação em: mar. 2017.
- 2 A elaboração deste caso para ensino foi inspirada em uma situação real. Para preservar a identidade das pessoas e organizações envolvidas foram criados nomes fictícios. Sua construção ocorreu de forma colaborativa durante a mediação da disciplina Organizações da Sociedade Civil, Gestão em Rede e Metodologias Não Convencionais para Gestão Social, ministrada pelos professores Eduardo Davel e Maria Suzana de Souza Moura, no âmbito do curso de Mestrado Interdisciplinar e Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social, da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, entre os dias 15 e 19 de março de 2016.
- 3 Cacimbão é um buraco muito profundo onde se junta água, e geralmente se localiza em um despenhadeiro.

REFERÊNCIAS

CABRAL, P. M. F.; SEMINOTTI, N. O trabalho coletivo entre líderes: ampliando a concepção do líder-herói nas organizações. **Revista da Sociedade Brasileira de Dinâmica dos Grupos – SBDG**, n. 4, p. 18-28, 2009.

MOURA, M. S.; GIANNELLA, V. A Arte de Escutar: Nuances de um Campo de Práticas e de Conhecimento. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM GESTÃO SOCIAL – ENAPEGS. 9. Porto Alegre, **Anais...**, 2016.

ANEXO

Cisterna: o que é e como funciona (texto de apoio)

A cisterna é um reservatório cilíndrico, semienterrado e coberto, utilizado para captar e estocar águas das chuvas. Sua estrutura é feita de placas pré-moldadas de cimento, ligada a um sistema de calhas implantadas no telhado da casa ou da escola.

A principal finalidade desta tecnologia social é armazenar água para o consumo, produção e dessedentação animal nas propriedades de agricultores familiares que moram na região semiárida, principalmente para consumo e utilização durante o período de estiagem. As águas armazenadas nas cisternas podem durar de 6 a 8 meses, a depender do tempo de duração da estiagem.

As cisternas para consumo humano reservam cerca de 16 mil litros. As de produção, também chamadas de cisterna-calçadão, possuem capacidade de armazenar 52 mil litros. Já as cisternas das escolas podem guardar entre 20 mil e 52 mil litros de águas das chuvas. O tamanho da cisterna estará diretamente relacionado às condições e tamanho do telhado onde estão implantadas as calhas. Em todas as cisternas, são instaladas bombas manuais para retirada da água, placas de identificação, calhas, tampas, coadores, telas de proteção e cadeados (ASA, 2016).

Geralmente, ao instalar uma cisterna para consumo humano, tem-se o cuidado de fazê-lo próximo da cozinha da casa ou da escola, para facilitar o transporte da água que será utilizada no cozimento de refeições ou em outras formas de uso. O cuidado com a água é também um assunto de grande importância e envolve todos (as) comunitários (as). O primeiro cuidado inicia com a caída das águas no telhado, recomendando-se que as primeiras águas sejam desprezadas, porque estas estão carregadas de dejetos. Depois os canos são ligados às calhas e à cisterna. Quando a água cair nesta, ela já terá passado pelo coador, o que também ajuda a diminuir as possíveis sujeiras do telhado.

Depois que a cisterna estiver cheia, o sistema de tubos é retirado desta. Após cessarem as chuvas, inicia-se o processo de tratamento da água para consumo, com a utilização do hipoclorito de sódio (mesmo que água sanitária) (FRANÇA, 2010). A quantidade de hipoclorito varia de acordo com a quantidade de água estocada na cisterna. Apesar deste tratamento garantir uma água de qualidade, recomenda-se que a água a ser usada para consumo seja fervida e/ou depositada em filtros de barro.

A retirada da água de dentro da cisterna para os usos necessários é feita através de uma bomba hidráulica manual. Este é um dos cuidados para se evitar contaminação. A utilização de baldes é desaconselhada, salvo os casos nos quais os usuários tenham reservado um balde para uso exclusivo na retirada da água.

A cisterna, como qualquer outro reservatório de água, deve passar por um processo de limpeza, preferencialmente a cada 6 ou 8 meses. Quando passa o período das chuvas, os tubos devem ser guardados dentro de casa, protegidos do sol, para evitar desgaste e rachaduras. Recomenda-se que, no entorno das cisternas, se evite a circulação de animais e que as cisternas de água para consumo humano sejam cercadas, diminuindo assim o risco de contaminação.

A construção de uma cisterna dentro de uma comunidade, seja ela de consumo, produção ou na escola, é considerada um ganho, não só para o grupo que a recebe, mas para toda a comunidade. Isto porque, nos períodos mais longos e severos de estiagem no semiárido, ocorrem relações solidárias de ajuda mútua e partilha de água para resistir e conviver com a escassez deste bem público. É justamente por esta razão que os cuidados acerca desta tecnologia devem ser de responsabilidade de todos e não apenas daqueles que possuem o reservatório, principalmente se tratando da cisterna na escola.

FONTES

ASA – Articulação Semiárido Brasileiro. **Ações – P1MC, P1+2 e Cisterna nas Escolas**. Disponível em: <http://www.asabrasil.org.br/acoes/p1mc>. Acesso em: 22 mar. 2016.

FRANÇA, Francisco Mavignier Cavalcante *et al.* **Cisterna de placas: construção, uso e conservação**. Cartilhas temáticas tecnologias e práticas hidroambientais para convivência com o Semiárido, v. 2. Secretaria dos Recursos Hídricos. Fortaleza, 2010. 33p.

- Fabrcio Nascimento da Cruz** Mestre em Desenvolvimento e Gest3o Social pela Escola de Administra3o da Universidade Federal da Bahia. Especialista em Inova3o, Sustentabilidade e Gest3o de Organiza3es da Sociedade Civil e do Terceiro Setor e em Estudos Culturais, Hist3ria e Linguagens pelo Centro Universit3rio Jorge Amado. Diretor Executivo da Atairu – Gest3o e Inova3o Social.
- Denice Santiago Santos do Ros3rio** Mestre em Desenvolvimento e Gest3o Social pelo CIAGS/UFBA. P3s-graduada em Gest3o de Direitos Humanos e Seguran3a P3blica pela Universidade do Estado da Bahia. Graduada em Psicologia pela Faculdade da Cidade e em Seguran3a P3blica pela UNEB. Idealizadora e fundadora do Centro Maria Felipa, primeiro e, at3 hoje, 3nico em pol3cias militares no pa3s; idealizadora e comandante da Ronda Maria da Penha na PMBA. Componente da primeira turma de mulheres a ingressar na PMBA, tanto de sargentos como de oficiais.
- Hilda B3rbara Maia Cez3rio** Mestre em Desenvolvimento e Gest3o Social (Programa de Desenvolvimento e Gest3o Social / Escola de Administra3o / Universidade Federal da Bahia - UFBA). Muse3loga pela Universidade Federal da Bahia-UFBA. Integrante da Comiss3o Gestora da Rede de Educadores em Museus da Bahia desde 2012.
- M3rcia Vilenice de Macedo Dias** Assistente Social. Mestranda do Programa de Desenvolvimento e Gest3o Social da Escola de Administra3o da UFBA - PGDS/CIAGS/EAUFBA. P3s-graduada em G3nero e Desenvolvimento pelo NEIM - N3cleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher da UFBA. Atualmente coordena a Secretaria Executiva do Conselho de Seguran3a Alimentar e Nutricional da Bahia (CONSEA-Ba). Experi3ncia em mobiliza3o, forma3o, desenvolvimento de comunidades e participa3o social.